



Alexandre Costa Lima *

Diante do expressivo aumento da influência de ideologias religiosas no cenário político contemporâneo, tanto global quanto localmente, a ideologia secularista, tão cara ao Iluminismo, encontra-se abalada. Desde o início da modernidade, acreditava-se que o secularismo era irreversível e que a fé religiosa fora para sempre banida da arena política. Mas, contrariamente às expectativas iluministas, existe um ressurgimento da fé religiosa (algo que em si mesmo, nada tem de negativo) com clara dimensão política, como são os casos dos fundamentalismos e integristas que pregam uma fé acima da razão e livre de um suposto progresso laico. Tais propostas adotam manifestações extremas como o terrorismo suicida.

O secularismo surgiu para combater a hegemonia religiosa presente durante séculos nas doutrinas e sistemas políticos europeus (ao menos, desde a ascensão do cristianismo como a doutrina religiosa que conformou a cultura ocidental a partir da Idade Média). Segundo Bhargava Rajee, o secularismo desejava estabelecer a si mesmo como a autoridade exclusiva e básica para julgar os assuntos públicos e reconhe-

O fundamentalismo nada constrói

cia dois motivos principais para rechazar a influência religiosa: 1) um receio epistemológico, que admitia que certas respostas religiosas pareciam ser ficções sobrenaturais sem qualquer fundamento racional. Os secularistas temiam que tais crenças precárias ou insuficientes extrapolassem os seus próprios limites e interferissem diretamente nas preferências de quem não as compartilhasse e também pensavam que as respostas religiosas sobre a existência de Deus, a natureza do bem e do mal sobre o nosso lugar no cosmos, são sempre controversas, servindo, em última análise, muito mais para separar os crentes do que para explicar problemas transcendentais; 2) um receio democrático, uma preocupação de tolerância que, articulada com o primeiro motivo, expressava o temor de que exemplos anteriores antidemocráticos de cunho religioso, como a Inquisição, viessem a assumir um papel hegemônico e implantassem uma ortodoxia rígida que eliminasse o direito à dúvida.

Aliás, o direito à dúvida é uma das conquistas mais caras ao pensamento moderno. Descartes, por exemplo, desenvolveu um método de investigação filosófica que elegeu a dúvida como o

elemento sistemático que permitiria tanto a ruptura com a tradição epistemológica dominante à época, quanto o estabelecimento de critérios evidentes e indubitáveis para o conhecimento. Desde Sócrates, o livre exame das opiniões é um pressuposto básico da vida política e da filosofia. Aliás, de toda vida digna de ser vivida. Os filósofos, implicitamente, criticavam a religião quando propunham que cada um pudesse se desembaraçar dos preconceitos transmitidos pela educação, examinando os conteúdos recebidos e submetendo-os a uma razão ligada à experiência.

Um conflito de opiniões - algo muito comum nas disputas religiosas - não pode ser resolvido pelo recurso à lógica pura, porque, se por um lado,

“Um conflito de opiniões - algo muito comum nas disputas religiosas - não pode ser resolvido pelo recurso à lógica pura”



“

*Para Hannah Arendt, o secularismo tem um significado político e um significado espiritual que não são necessariamente iguais”,
Alexandre Costa Lima*

o lógico é sempre o porta-voz abstrato da humanidade (a sua investigação busca um método universal para o raciocínio correto), por outro lado, aquele que debate tanto representa a si mesmo quanto a um grupo cujos motivos podem ser lícitos ou inconfessáveis. Em uma polêmica, a lógica não basta para vencer.

Para Hannah Arendt, o secularismo tem um significado político e um significado espiritual que não são necessariamente iguais. Politicamente, o secularismo significa que nenhum credo ou instituição religiosa possui autoridade pública obrigatória e que, inversamente, a vida política não tem nenhuma sanção religiosa; espiritualmente, o secularismo coloca em questão os nossos critérios de julgamento, os quais, por muitos séculos, recorreram exclusivamente a fontes santificadas ou reveladas. Para Arendt, a frase de Lessing “que cada um diga o que acha que é verdade, e que a própria verdade seja confiada a Deus” resume, de forma genial, a importância da liberdade de duvidar.

O problema dos fundamentalismos é o de eliminar os matizes e alimentar-se de uma única dieta. Parecem ser reações ultra ortodoxas contra a modernidade e são movimentos que nascem normalmente unidos às religiões monoteístas de obediência total a um livro sagrado. No seu uso habitual, “fundamentalismo” é uma palavra performativa, isto

é, que serve para desqualificar alguém como interlocutor e para indicar que não se pode discutir com ele. A palavra “fundamentalista” serve para designar o fanático: o tipo de pessoa que não duvida de modo algum. Um fanático tem sérias falhas em seu processo cognitivo: a primeira delas é ter de crer absolutamente, inabalavelmente, naquilo em que não se consegue crer facilmente; a segunda falha é esquecer que o ser humano é um ser que oferece razões e que cada jogo de linguagem (religião, política, direito, entre outros) pede distintos tipos de razões.

Segundo Wayne Morrison, a sociedade humana constitui um conjunto de pessoas unidas em face da morte, de modo que o poder da religião depende da credibilidade das teses que ela adota para consolar os homens deste fato inevitável e temível. Não há problema nenhum em entender e adotar os relatos salvacionistas, mas o mecanismo fundamentalista funciona de modo próprio. Mediante a fé incondicional, o fundamentalista trata o relato salvacionista como uma plena realidade e padece da incapacidade de mudar de opinião e de contentar-se com a relatividade de sua própria finitude.

A terceira falha é de caráter moral, porque não há comportamento moral sem referências aos sentimentos morais e, entre tais sentimentos, sobressai

o respeito. Além disso, as proposições morais exigem justificação. Esses dois aspectos não se aplicam ao fundamentalista. Ele considera que as posturas morais diferentes das suas não são alternativas, mas sim inimigos a serem eliminados; isto é, no nível dos sentimentos morais, o respeito está ausente. Na verdade, uma teoria moral não tem a força de uma teoria empírica, mas apenas uma pretensão de verdade. Justificar no terreno da moral é argumentar para convencer que uma forma de agir é melhor que outra.

Vale ressaltar que as opiniões religiosas, dentro dos limites do seu sistema de crenças, são inteiramente compatíveis com a ideologia democrática, até porque, segundo Madanes, determinar o valor de verdade ou de falsidade de uma crença não conduz a uma maior tolerância entre as pessoas e que, ademais, uma sociedade não é uma organização que persiga um fim epistemológico. A democracia deve ser permanentemente submetida ao exame, mas o fundamentalismo é incompatível com isso. Ele é a incapacidade de estar com os outros de igual para igual, falando e escutando. Nada se pode construir com o fundamentalismo!

*Doutorando em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e professor da Asces